

TABERÁ: A QUEIXA DO POVO E O FOGO DA IRA DIVINA (NÚMEROS 11,1-3)

*TABERAH: PEOPLE'S COMPLAINT AND
THE FIRE OF GOD'S WRATH (NUMBERS 11,1-3)*

VICENTE ARTUSO^(*)
RAFAEL DIREITO TEIXEIRA^(**)

RESUMO

A caminhada no deserto no livro dos Números revela conflitos do povo contra Moisés e contra Deus. Moisés aparece como mediador. Nm 11,1-3 é um enredo de conflito e solução com a intervenção de Moisés. Ele suplica a Deus e o conflito é resolvido. Foi uma experiência paralela a Nm 21,4-9 na qual o povo experimentou a ira divina. A pesquisa visa mostrar a influência de Moisés, sua ligação com Deus e o poder de sua intercessão no contexto das revoltas e castigo do povo. A análise ressalta a importância de Moisés nos enredos de conflito e como sua autoridade é reforçada, pois sua mediação é eficaz. Nesse texto a experiência do castigo ligado à ira que queima deu origem ao nome do lugar: Taberá.

PALAVRAS-CHAVE: Deus. Ira. Fogo. Conflito. Números.

ABSTRACT

The pilgrimage at the desert in the book of Numbers reveals conflicts of people against Moses and against God. Moses appears as a mediator. Num. 11,1-3 is a conflict-solution plot type with an intervention of Moses. He supplicates to God and the conflict is solved. It was an intervention parallel to Num. 21,4-9 on which people experimented divine's wrath. This research aims to show the influence of Moses, his connection with God and the power of his intersection in the context of people's revolts and punishment. The analysis shows up the importance of Moses in the plot type of conflicts and how his authority is reinforced, once his mediation is effective. On that text, the experience of punishment regarded to the wrath that burns gave to the place the name of Taberah.

KEYWORDS: God. Wrath. Fire. Conflict. Numbers.

INTRODUÇÃO

O título do livro dos Números na Bíblia Hebraica é Bamidbar: “no deserto”. Este título sugere a ideia de caminhada. De fato, nele são narrados os fatos da caminhada com Deus e os grandes conflitos no deserto. Trata-se de uma experiência de vida comunitária, conflituosa nas relações do povo com Deus e principalmente do povo contra os líderes. Qual o significado deste relato no contexto da marcha no

^(*) Doutor em Teologia pela PUC Rio, Rio de Janeiro, Brasil. Atualmente é professor do Programa de Pós-graduação em Teologia da PUC PR. Tem experiência nos seguintes temas: exegese do Antigo e Novo Testamento, teologia bíblica, bíblia e pastoral, bíblia e relações humanas, conflitos nas relações entre povo e lideranças e espiritualidade. **E-mail:** vicenteartuso@gmail.com

^(**) Graduando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Londrina, PR, Brasil. Graduado em Letras pela Universidade Estadual do Norte do Paraná, Jacarezinho, PR, Brasil. Atualmente trabalha em São Sebastião da Amoreira, Paraná, Brasil. Trabalha com o Grupo de Pesquisa: Bíblia e Pastoral, sob orientação do Prof. Vicente Artuso. **E-mail:** direitorrafael@hotmail.com

deserto? Qual o significado da simbologia do fogo e sua ligação com o nome do lugar? O presente estudo se ocupará destas questões mediante uma análise do estilo e da simbologia no relato.

Símbolos revelam como o ser humano se relaciona consigo mesmo, com o meio ambiente, e com a transcendência. Sobretudo, a linguagem simbólica explana um conceito e o explica. Isso pode ser observado nos estudos de Saussure e a teoria do signo linguístico. Todo signo possui um significado e significante e isso demonstra o que o símbolo pode portar: uma realidade factual e uma extra-corporal. Uma realidade corpórea e outra metafísica. Uma realidade, um predicado e uma referência abstrata.

A linguagem dos símbolos esteve presente na preocupação de vários pensadores; lembra Eliade (2001, p. 99) que a natureza “está sempre carregada de um valor religioso”. Isso vale dizer que o homem interpreta o que se lhe põe, atribui-se um valor, significado e, conseqüentemente, uma interpretação. É neste ponto que a história demonstra como muitas culturas, em diversos momentos e situações, atribuíram a gestos, locais, enfim, a si e ao exterior de si, formas simbólicas. Não foi diferente na experiência do povo em Nm 11,1-3. A etiologia do termo Taberá revela uma preocupação intrínseca que transforma o que fora murmuração do povo, ira divina e intercessão de Moisés num conceito que dá nome a um local geográfico.

O local é carregado de significado teológico com o fenômeno da queima e o arder da ira divina. Para alargar a compreensão no contexto da caminhada será feita uma análise intertextual com o episódio das serpentes abrasadoras em Nm 21,4-9. Trata-se portanto de um projeto a ser continuado em vista de aprofundar a análise do livro dos Números, pouco explorado nas pesquisas da Ciências da Religião e literatura sagrada.

1 CONTEXTO LITERARIO DE NM 11,1-3

O livro do Êxodo e dos Números (Ex 1,1-18,27 e Nm 10,11-21,9) relatam a história da libertação do povo do Egito e sua caminhada no deserto. Os autores se utilizam do gênero da controvérsia, amiúde presente em toda a trajetória, tanto antes do Sinai, como depois do Sinai. Na caminhada do povo no deserto, em Nm 10,11-21,20, a experiência do povo na região de Cades em Nm 13-14, literariamente ocupa o centro do livro. Ali ocorre a grande crise da ruptura entre a geração do Êxodo e aquela da entrada em Canaã, com murmurações e revoltas (BUI, 1994, p. 51-52; ARTUSO, 2008, p. 28).

Conforme Schart (1990, p. 56) a unidade literária de Nm 10,11–21,20 possui uma estrutura concêntrica (*Ringstruktur*) que permite entendê-la na sua relação com os conflitos de liderança de Moisés em Cades:

A Nm 10,11-28: Partida do Sinai.

B Nm 10,35-36: Poesia.

C Nm 11,1-3: *O fogo de Iwhh e intercessão depois do castigo.*

D Nm 11,4-35: Donativo das codornizes e punição da gula.

E Nm 12: Revolta de Miriam e Aarão: a importância de Moisés.

F Nm 13-14: Revolta do povo e morte da geração do Êxodo.

E' Nm 16-17: Revolta de Datã, Abiram e Coré: a importância de Aarão.

D' Nm 20,1-21: Dom da água e nova frustração da tomada da terra.

C' Nm 21,4-9: *As cobras de fogo e a intercessão de Moisés após o castigo.*

B' Nm 21,17-18: Poesia.

A' Nm 21,10-20: Expedição para Moab.

A estrutura mostra que os episódios de revolta do povo e os castigos como consequência estão relacionados com a crise na parada de Cades em Nm 13–14. Ali ocorreu o levante do povo, instigado por alguns líderes, contra Moisés e Aarão pondo em risco a caminhada rumo à terra prometida. Esse período da caminhada com uma história caracterizada por frequentes conflitos, murmurações, rebeliões do povo e até dos líderes, explica porque toda a geração do deserto, incluídos Moisés e Aarão, irá morrer sem entrar na terra prometida. Assim o estudo dos textos de conflitos e murmurações tem seu valor em vista de entender a intenção teológica das narrativas no seu gênero característico de culpa, castigo, intercessão e abrandamento da pena.

Nossa perícopé de Nm 11,1-3 se insere nessa unidade literária da caminhada no deserto em Nm 10,11–21,20, em paralelo com Nm 21,4-9. Observa-se que nos dois textos há um conflito contra a autoridade de Moisés, seguida da punição divina aos revoltosos com a queima do acampamento e as mordeduras das serpentes abrasadoras (queimantes). No contexto mais imediato, Nm 11,1-3 se situa na primeira etapa da marcha iniciada em Nm 10,11. O povo já se mostra cansado, talvez pela marcha de três dias no deserto (Nm 10,33), e então eles se detêm nesse lugar e se queixam aos ouvidos do Senhor (Nm 11,1).

Nas páginas que seguem, o autor destaca que os israelitas se deparam no inóspito deserto de Et-Tih. O murmúrio parece inevitável, visto a dificuldade de planejamento durante a viagem, compreendido por qualquer turista na atualidade.

No contexto bíblico, o murmúrio é rebeldia e rebelar-se contra Deus também é sinal de incredulidade. Pode-se dizer do contexto imediato, trata-se da segunda parada em direção à terra prometida, do Sinai a Cades.

2 ANÁLISE ESTILÍSTICO NARRATIVA

Apresentamos primeiramente a tradução literal de Nm 11,1-3:

*11,1a E como o povo estava se queixando do mal, aos ouvidos do Senhor,
11,1b o Senhor ouviu e acendeu-se sua ira.
11,1c Então ardeu contra eles o fogo do Senhor
11,1d e consumiu a extremidade do acampamento.
11,2a E o povo clamou a Moisés.
11,2b E Moisés suplicou ao Senhor
11,2c e o fogo se apagou.
11,3a E ele chamou o nome daquele lugar Taberá
11,3b porque ardeu contra eles o fogo do Senhor.*

A narrativa se apresenta caracterizada como enredo de conflito e solução do conflito (SKA, 2000): queixa do povo (v. 1a), ira do Senhor e incêndio do acampamento (v. 1bcd), clamor do povo a Moisés (v. 2a), Moisés suplica ao Senhor (v. 2b), a súplica é atendida e o fogo se apaga (v. 2c). O v. 3 fecha a narrativa com o nome dado ao lugar: Taberá (*tab̄ərāh*).

O texto apresenta alguns elementos chaves que chamam a atenção: a queixa, seguida da escuta do Senhor; a ira associada ao fogo, e o fato do povo clamar e ser atendido com o resultado imediato, graças à intercessão de Moisés.

Em Nm 11,1a, a situação que gera o conflito é a queixa contínua do povo. De fato *mit'ōnənīm*, com o significado de “se queixando”, “falando mal”, é um particípio *hithpolel* e indica uma ação continuada. O sujeito é o povo que expressa seu descontentamento. Porém, o autor nada diz da origem do mal estar. A queixa não era algo do momento, mas era constante na caminhada no deserto. É provável que estivessem bem cansados depois de sua experiência de marchar por três dias no deserto (HARRISON, 1992, p.182).

Os verbos seguintes, *wayyišma'*, traduzido por “ouviu”, e *wayyiḥar* apresentado como “se enfureceu”, têm o Senhor como sujeito. O Senhor “ouviu” e a queixa é forte nos seus ouvidos. Em seguida, é o mesmo sujeito, o Senhor quem imediatamente se enche de ira. Em *wayyiḥar 'appô*, há um antropomorfismo: o Senhor é mostrado como homem que escuta, mas também se enche de ira. O termo hebraico para designar a etiologia do lugar onde inflamou-se a ira de Deus, Taberá, é dotado de um conceito representativo exterior, pagão, onde uma representação

mostra a ira como fogo que sai pelas narinas. É como um respirar profundo, de indignação. O termo hebraico *'appô* é o nariz, órgão da ira divina que arde, se incendia, como apresenta Harrison (1992, p. 182). Em 11,1cd, temos a ira de Deus materializada no *'ēš* o fogo. O sujeito dos verbos *queimar* e *consumir* é o fogo que dá visibilidade à ira divina em ação. Há um paralelismo climático nesse versículo: começa com o acender-se da ira divina, depois o queimar com fogo e por fim consumir a extremidade do acampamento. Essa reação de Deus é vista como o ação do juízo divino na história.

A punição acontece por causa das queixas do povo aos ouvidos do Senhor. Este povo então clama a Moisés. O povo é sujeito do verbo clamar, gritar. Este clamor é escutado e o povo é atendido imediatamente. O tempo da narração é veloz. O Senhor logo que ouviu as queixas reagiu e enviou a punição, como também Moisés diante do clamor logo atendeu o povo. A reação de Moisés foi dirigir-se diretamente ao Senhor para interceder.

Moisés é o sujeito do verbo suplicar. Com isso se torna mediador entre Deus e a comunidade. O enredo é ainda mais veloz após a súplica de Moisés. Não é explícito que o Senhor ouviu, mas apenas se menciona o resultado: o fogo se apagou. Nota-se que o fogo da ira divina queima apenas a parte final do acampamento e cessa sem causar danos à vida das pessoas. Tanto a reação do Senhor diante das queixas, como a reação de Moisés diante do clamor do povo são imediatas.

O conflito é resolvido quando Moisés intervém como mediador com a intercessão junto a Deus. Foi assim também em Nm 12,13 quando Moisés intercede por Mirian e a lepra desaparece e em Nm 21,7 na intercessão de Moisés diante das serpentes abrasadoras que causou a morte do povo. A narração termina com um nome dado ao lugar: Taberá, cujo sentido está ligado a uma experiência existencial: “porque ardeu contra eles a ira do Senhor” (Nm 11,3b).

3 ANÁLISE INTERTEXTUAL DE NM 11,1-3 E NM 21, 4-9

Se se observar a estrutura concêntrica apresentada por Scharf (1990, p. 56), demonstrado acima, percebe-se que tanto C quanto C' relacionam-se em dois sentidos: fogo e intercessão mosaica. Na demonstração da tabela tem-se uma estrutura de um enredo de culpa e castigo paralelos (ARTUS, 1997, p. 37).

Quadro 1 – Comparação dos textos de Nm 11,1-3 e Nm 21,4-9

SITUAÇÃO	NM 11,1-3	NM 21, 4-9
RECLAMAÇÃO - CULPA	11,1A	21,5
REAÇÃO DO SENHOR – CASTIGO	11,1BCD	21,6
SÚPLICA DIRIGIDA A MOISÉS	11,2A	21,7A
INTERCESSÃO DE MOISÉS	11,2B	21,7B
EFICÁCIA DA INTERCESSÃO	11,2C	21,8-9
INDICAÇÃO TOPOGRÁFICA	11,3AB	21,10

Pode-se estabelecer os seguintes pontos, vistos da estrutura comum dos textos:

- A queixa é feita contra Deus: aos ouvidos do Senhor (Nm 11,1), contra Deus e contra Moisés (Nm 21,5);
- O conflito aparece com a reação do Senhor diante das queixas do povo ao punir com o fogo (Nm 11,1-2) e com as serpentes abrasadoras que mordiam causando a morte de muitos (Nm 21,6);
- Moisés atende o clamor do povo e intervém como mediador (Nm 11,2a, Nm 21,7);
- A intercessão aparece nos dois relatos com o mesmo verbo *hitpalel* “interceder” (Nm 11,2b; 21,7);
- A eficácia da intercessão é comprovada com a extinção do fogo (Nm 11,2c) e a cura daqueles que contemplaram a serpente na haste (Nm 21,8-9).

Portanto, a solução do conflito é percebida em ambos os textos com uma mudança (*turning point*) de uma situação de ameaça (fogo) e morte (mordida de cobras), para uma situação saudável e segura. Porém, fica bem evidenciado no texto o papel de Moisés mediante uma estrutura de A B A' em Nm 11,1-3 comparada com Nm 21,7-9:

A Súplica a Moisés (Nm 11,2a; 21,7a)
 B Intercessão (Nm 11,2b; 21,7b)
 A' Eficácia da intercessão (Nm 11,2c; 21,8-9)

Percebe-se nessa estrutura a intercessão mosaica como o centro de importância. Esses elementos destacam que a representação legal de Moisés frente à comunidade dos hebreus demonstra a presença do próprio Deus. A intercessão de

Moisés, líder do povo, fará aplacar-se o fogo da ira e se apagar. Esta intervenção trará de volta a ausência de perigo do incêndio e a cura das mordeduras das serpentes. Se Moisés é o representante legal de Deus e líder instituído, qualquer rebeldia à autoridade de Moisés manifesta afronta à própria divindade. Segundo López (2005, p. 24) Moisés aparece como um instrumento de Deus a serviço do povo. Sua missão e vocação se realizam na função de chefe ou profeta diante do povo (Ex 3,10-12; Dt 34,10-12). E no que se refere ao contexto do Sinai, ele é o mediador entre Deus e Israel (Ex 20,18-19; Dt 5,5).

4 A SIMBOLOGIA EM NM 11,1-3

O livro dos Números possui uma linguagem própria, um desvincular das palavras que demonstra uma ação de Deus agente da história e que não abandona seu povo. A riqueza da simbologia evoca essa presença atuante de Deus. Com efeito os símbolos demonstram como o homem se relaciona consigo mesmo, com o meio ambiente e, acima de tudo, com o transcendente. A linguagem simbólica assume um caráter duplo: explana o conceito e o explica. Todo signo possui um significado e significante e isso demonstra o que o símbolo pode portar: uma realidade factual e uma extra-corporal. Uma realidade corpórea e outra metafísica. Uma realidade, um predicado e uma referência abstrata.

A linguagem dos símbolos esteve presente na preocupação de vários pensadores; lembra Eliade (2001, p. 99) que a natureza “está sempre carregada de um valor religioso”. Isso vale dizer que o homem interpreta o que se lhe põe, atribui-se um valor, significado e, conseqüentemente, uma interpretação. É neste ponto que a história demonstra como muitas culturas, em diversos momentos e situações, atribuíram a gestos, locais, enfim, a si e ao exterior de si, formas simbólicas.

Símbolo, conforme Schneider (2001, p. 178), é a maneira pela qual o homem interpreta o mistério. Wenham (1991, p. 29) atribui a interpretação dos edifícios simbólicos à estruturação dos ritos, da liturgia. É importante observar a estruturação das liturgias para se compreender o processo evolutivo dos povos. Uma liturgia estruturada é sinônimo de institucionalização, fato que o Israel antigo aprendeu e desenvolveu ainda no início de seu processo de caminhada no deserto.

Alguns estudiosos bíblicos assumem a linguagem dos símbolos como problemática para se compreender características da construção social. No estudo do livro dos Números, em especial na perícopa do texto 11, 1-3, a etiologia do termo Taberá revela uma preocupação intrínseca que transforma o que fora murmuração

do povo, ira divina e intercessão de Moisés num conceito que dá nome a um local geográfico.

4.1 TABERÁ

Este lugar é citado em Dt 9,22, mas ignorado no itinerário de Nm 33,16, onde parece ligado a Kibrot Hattaavah. Esta omissão é plausível pois não há informações de viagem do povo entre Taberá e Kibrot Hattaavah. Talvez esse lugar não tenha existido. Ali Israel se deteve e não andou como punição pela queixa (MILGROM, 1990, p. 82). Taberá significa incêndio. A ira do Senhor desencadeada por causa das queixas do povo é paralela ao incêndio que destrói (Nm 11,3). O nome Taberá refere-se a duas raízes: uma delas indica o termo hebraico *bahar* (“queimar”), outra vertente sustenta a raiz vinda de “lugar de pastagens”.

Importante ressaltar o significado de Taberá como uma etiologia. Era costume em Israel justificar a origem de alguns lugares com situações vividas ou experiências divinas. Dessa forma, o termo *tabə'ráh*, passa a designar o local onde a ira de Deus se manifestou. Alguns autores afirmam que o nome deste lugar refere-se diretamente ao fogo divino, ou seja, o radical *srp*, dá-se pelo fato de que muitas histórias eram contadas a fim de explicar o nome de lugares, Bergant e Karris (2001, p. 162).

Nas narrativas seguintes as queixas são motivadas por um descontentamento e revolta contra a autoridade de Moisés. Isso provoca a ira divina, pois Deus assume também a defesa dos líderes, por ele eleitos. Assim, o fogo é sinal do juízo divino (Lv 10,1-2; Nm 16,35), mas também da bênção e presença do Senhor que aceita o sacrifício do seu povo (Gn 15,17-18; Lv 9,24; 2Rs 18,24.38).

4.2 O FOGO E A IRA DIVINA

No AT, o substantivo *'ēš* (“fogo”), aparece 378 vezes e tem uma tripla função: aquecer, iluminar ou destruir, como defende Girard (1997, p. 90), corroborado por Jenni e Westermann (1978, p. 364).

Em Nm 11,1-3, *'ēš* aparece duas vezes qualificado como fogo do Senhor (v. 1c; 3b) e no v. 2c o fogo aparece como manifestação da ira divina que cessa graças à intercessão de Moisés. O fogo vem associado ao verbo *bāhar* que enfatiza qualidades de consumir e de espalhar-se, incendiar. É um verbo bem usado no contexto religioso.

Nessa perícopa *bāhar* é usado juntamente com fogo na expressão “se acendeu contra eles o fogo do Senhor” (11,1b; 3b). O fogo então é um instrumento de Deus para punir quem se revoltara contra ele (cf. Nm 11,1) especialmente os ímpios (Is 1,31; 9,18). Há, porém, um dado antropológico na construção *wayyihar* 'appô. Nela o verbo *hārāh* (raiz da forma *wayyihar*) é tomado para significar a ira: literalmente, “esquentou-se o nariz”. O nariz é tomado como sede da cólera e nele se localiza a sensação de ardor.

Portanto, irar-se é inflamar-se de cólera, arder (*wayyihar*), soltar faíscas, ferver de raiva. Aqui parte-se da experiência do calor facial, efeito do sintoma da ira (SCHÖKEL, 1997, p. 224). A queima da extremidade do acampamento é resultado da ira que se incendiou. A ira é simbolizada no fogo que queimou parte do acampamento. Devido a esta queima do Senhor contra o povo, o local passou a chamar-se Taberá, o lugar da fogueira. Devido a recorrência da linguagem no campo semântico do fogo e queima se acentua a reação divina de ira.

A situação existencial que gera a ira divina são os conflitos do povo contra a autoridade. Assim, destaca-se a experiência com Deus em meio a conflitos e crises na comunidade que acontece especialmente nas paradas do povo no deserto. Porém apesar da descrença, dos contratemplos e crises a promessa divina de conduzir o povo a terra prometida será cumprida, mesmo que sua realização seja adiada. Foi devido à descrença na promessa (Nm 13-14) e as revoltas o povo que a peregrinação durou quarenta anos. Após muitas provações chegaram a terra prometida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao lançar-se para a investigação no livro dos Números, a análise da perícopa proposta resgata a ótica do conflito e constata Nm 11,1-3 como um texto na estrutura de pecado, castigo e súplica a Deus. Em geral as perícopes da caminhada no deserto se caracterizam como enredos de conflitos de ordem social e política contra a liderança de Moisés, tornando-se também conflitos religiosos (Ex 17,1-7; Nm 16,1-35; 17,1-28) (ARTUSO; CATENASSI, 2012, p. 179).

Vale ressaltar que o episódio narrado se situa no contexto do início da caminhada e revela a presença de conflitos do povo contra Moisés e contra Deus. Trata-se de um relato breve com características dos enredos de conflito e solução de conflito. A brevidade do tempo da narração põe em destaque a figura de Moisés no centro do relato. Ele acompanha o povo, ouve seu clamor e intercede. Moisés sempre aparece ligado a Deus para ser o mediador para intervir em momentos críticos. O

conflito surge diante de uma ameaça real à vida do povo que então suplica a intervenção do Senhor.

O enredo destaca Moisés com uma intercessão eficaz tanto em Nm 11,1-3 como em Nm 21,4-9. Mais explicitamente no relato paralelo e também em Nm 12,1-11, sua intercessão é destacada e determinante para a intervenção de Deus em favor do povo. É bem explícito o questionamento e revolta contra a autoridade de Moisés. O acento na intercessão de Moisés e sua eficácia corrobora sua autoridade de guia do povo instituída por Deus. A estrutura da caminhada no deserto, proposta por Scharf mostra a centralidade das rebeliões em Nm 13-14 para explicar porque toda aquela geração pereceu no deserto. Tanto o episódio de Taberá, como das serpentes queimantes mostram a importância de Moisés. As revoltas contra a liderança atrasam o projeto da caminhada e impedem a entrada na terra prometida. Nota-se em todo o trajeto do deserto a presença do Senhor que ouve os líderes e eles intervêm como mediadores em favor da comunidade.

Enfim, a análise do texto mostrou o fogo do Senhor que consome a extremidade do acampamento simultâneo à ira divina que também queima contra o povo. Dessa experiência surgiu o nome Taberá, mais como marco existencial a ser lembrado, um sinal de advertência do juízo de Deus, do que lugar geográfico sequer mencionado nas etapas da caminhada (Nm 33,1-49).

A pesquisa neste campo possibilita observar a relação de Deus com o homem em sentido amplo: a queima da extremidade do acampamento resgata o sentido da aliança irrevogável de Deus. Ele não atinge o ser humano, ao contrário, possibilita ao homem, por meio de Moisés, o retorno ao convívio da aliança. Na caminhada em meio aos conflitos a comunidade se fortalece para continuar a marcha sob a liderança de Moisés.

REFERENCIAS

ARTUS, O. **Etudes sur le livre des Nombres** : récit, histoire et Loi en Nb 13,1-20,13. Fribourg: Universitaires, Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1997.

ARTUSO, V. **A revolta de Coré, Datã e Abiram (Nm 16-17):** análise estilístico-narrativa e interpretação. São Paulo: Paulinas, 2008. (Coleção Exegese).

ARTUSO, V.; CATENASSI, F. Z. A ambivalência do simbolismo da serpente em Nm 21,4-9. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 10, n. 25, p. 176-200, jan./mar. 2012.

BÍBLIA Hebraica Stuttgartênciã. 2. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1984.

BUIS, P. **O livro dos Números**. São Paulo: Paulus, 1994. (Cadernos Bíblicos, 59)

- ELIADE, M. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- GIRARD, M. **Os símbolos na Bíblia**. 3. ed. São Paulo: Paulus, 1997.
- HARRISON, R. K. **Numbers: an exegetical commentary**. Michigan: Grand Rapids, 1992.
- JENNI, E; WESTERMANN C., **Diccionario teológico manual del Antiguo Testamento I**. Madrid: Cristiandad, 1978.
- LÓPEZ, F. G. **O pentateuco**. São Paulo: Ave Maria, 2004. (Introdução ao Estudo da Bíblia; 3b).
- MILGROM, J. **Numbers**. Bemidbar. Philadelphia, New York: The Jewish Publication Society, 1990.
- SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2008.
- SCHART, A. **Mose und Israel im konflikt**: eine redaktionsgeschichtliche. Freiburg: Universitätsverlag Schweiz Gottingen Vandenhoeck & Ruprecht, 1990. (Orbis Biblicus et Orientalis, 98).
- SCHREINER, J. (Dir.). **Introducción a los métodos de la exégesis Bíblica**. Barcelona: Herder, 1974.
- SCHÖKEL, L. A. **Dicionário Bíblico Hebraico-Português**. São Paulo: Paulus, 1997.
- SKA, J. L. **“Our fathers have told us”**: introduction to the analysis of hebrew narratives. Roma: Pontificio Istituto Biblico, 2000.
- WENHAM, J. G. **Números**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, Mundo Cristão, 1985.

*Recebido em 07/04/2014
Aprovado em 24/05/2014*